

**NARRATIVA PERFORMÁTICA E ESCRIVIVÊNCIA: UMA CONTRIBUIÇÃO  
DOS ESTUDOS DE PERFORMANCE À LEITURA CRÍTICA DE *PONCIÁ  
VICÊNCIO*, DE CONCEIÇÃO EVARISTO**

**THE PERFORMING NARRATIVE AND LIFE-WRITING: A CONTRIBUTION  
OF PERFORMANCE STUDIES TO THE CRITICAL READING OF *PONCIÁ  
VICÊNCIO*, BY CONCEIÇÃO EVARISTO**

Michele Freire Schiffler<sup>1</sup>

**RESUMO**

O presente artigo tem por objetivo abordar a escrita de subjetividades entrelaçadas em Conceição Evaristo, a partir da lente dos estudos de Performance. Para tanto, acercará os conceitos de Escrivivência, de Conceição Evaristo, e de Narrativas Performáticas, de Graciela Ravetti, a fim de observar, a partir de personagens femininas da obra *Ponciá Vicêncio*, a construção de subjetividades, corporeidades e marcas sócio-históricas em que se conectam memórias individuais e coletivas. Dessa forma, serão observadas pistas das narrativas de si que conectam identidades diaspóricas em um tensionamento político que conduz ao questionamento de narrativas hegemônicas.

**Palavras-chave:** escrevivência, narrativas performáticas, estudos de performance, *Ponciá Vicêncio*.

**ABSTRACT**

This article's main objective is to approach the writing associating the subjectivities in Conceição Evaristo, based on performance studies. It will approach the concepts of life-writing, by Conceição Evaristo, and performing narratives, by Graciela Ravetti, in order to observe, female characters of the book *Ponciá Vicêncio*, the construction of subjectivities, corporeities and socio-historical marks which connect individual and collective memories. Therefore, clues about self-narratives that connect diasporic identities will be observed in a political tension that leads to questioning hegemonic narratives.

**Keywords:** life-writing, performing narratives, performance studies, *Ponciá Vicêncio*.

---

<sup>1</sup> Pós-doutora em *Filologías Integradas*, pela Universidad de Sevilla, España; Doutora em Letras, com área de concentração em Estudos Literários, pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Espírito Santo. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9912476303376712>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9198-468X>.

## Considerações iniciais

A leitura das obras de Conceição Evaristo traz à tona a tensão inerente ao cotidiano de sujeitos sistemicamente submetidos a diversas formas de violência, cujas narrativas trazem, mesclado à denúncia social, um lirismo de tom trágico. Em seu projeto literário, a dinâmica da linguagem ecoa vozes do cotidiano, em um exercício de elasticidade, de deslocamentos e de reterritorializações.

Essa elasticidade do eu central articula-se na trama social e constitui-se como forma possível de intervenção social e simbólica, restaurando, construindo e tecendo memórias, histórias e lutas. De maneira semelhante, a performance da escrita, por meio de narrativas performáticas, convocam à interação e ao enfrentamento. As palavras de Conceição Evaristo ressoam como performance e ecoam vozes ancestrais que se atualizam na existência de mulheres negras e pobres. Vozes estas que se constituem como prática política de tensionamento social.

Assim, proponho trazer contribuições dos estudos de performance para uma abordagem de leitura crítica da obra *Ponciá Vicêncio*, a partir da aproximação dos conceitos de “escrevivência”, de Conceição Evaristo, e “narrativas performáticas”, de Graciela Ravetti. Ao abordar os três elementos formadores da escrevivência, a saber: o corpo, a condição e a experiência do existir negro, trago elementos do campo da performance, como o caráter reiterado, a corporeidade e o fluxo arte-vida, para entender a produção literária em questão como narrativa performática e, portanto, contestatória a narrativas hegemônicas.

Nessa jornada, a corporeidade assumirá protagonismo, uma vez que se aborda a escrevivência como um processo que toca elementos da autoficção e da escrita memorialística, mas que não necessariamente precisa estar em primeira pessoa, posto que a construção de personagens segue atravessada por uma coletividade.

Nesse sentido, o diálogo com os estudos de performance se dará a partir da compreensão do caráter dialógico de construção e compartilhamento de saberes, em que a escrita performática inscreve e atualiza subjetividades, identidades e saberes em um processo de armazenamento e transmissão de conhecimentos, sempre em perspectiva de enfrentamento às narrativas hegemônicas e às opressões historicamente reproduzidas.

Trataremos, pois, de vozes plurais, ancestrais, que dialogam e constroem sentidos na performance da escrita e nas espirais do tempo.

### **Escrevivência e a escrita de nós**

A escrita de si. Uma escrita, um corpo, que se faz inscrita em corpos sociais diversos. Em primeira ou terceira pessoa, a escrita afro-brasileira, experiência, vivência compartilhada por mulheres negras, é simultaneamente individual e coletiva. Este trabalho pretende, a partir da contribuição dos estudos de performance, pensar o potencial estético e político da obra de Conceição Evaristo, a partir, especificamente, de seu primeiro romance, *Ponciá Vicêncio*, publicado em 2003.

Já no prólogo à 3ª edição, de 2018, a autora afirma:

Essa é a Ponciá Vicêncio. Entretanto, nem sempre gostei dela. Não foi amor à primeira vista. Aprendi a gostar da moça, de tanto amor que ela provocava nas pessoas. E, quando me chegavam falando de Ponciá Vicêncio, eu parava para escutar e achava sempre um motivo para gostar dela também. Resolvi então ler a história da moça. Ler o que eu havia escrito. Veio-me à lembrança o doloroso processo de criação que enfrentei para contar a história de Ponciá. Às vezes, não poucas, o choro da personagem se confundia com o meu, no ato da escrita. Por isso, quando uma leitora ou um leitor vem me dizerdo engasgo que sente, ao ler determinadas passagens do livro, apenas respondo que o engasgo é nosso. (EVARISTO, 2018, p. 7)

Esse engasgo compartilhado diz respeito a uma memória e escrita de si que não são apenas individualizadas, ainda que corporificadas na subjetividade de autoria. A vivência e a escrita de si na obra de Conceição Evaristo dizem respeito a um processo diaspórico de tradução cultural que é transnacional e intersubjetivo. São histórias de traumas, lutas, resistência e poesia que se apresentam como narrativa performática no enfrentamento a narrativas hegemônicas condizentes com o pacto racista e patriarcal em que se inscreve a sociedade capitalista.

Conceição Evaristo, mulher negra, mineira, nascida na periferia de Belo Horizonte. Mulher dedicada à linguagem e às Letras, sejam elas escritas ou faladas, em tempo presente ou ancestral. A obra de Conceição Evaristo reúne a tensão inerente àqueles que estão constantemente submetidos e expostos à violência física e simbólica.

Filhos de um país em que, segundo o *Atlas da Violência* (IPEA, 2021), 77% dos jovens assassinados são negros e que 66% das mulheres vítimas de homicídio também o são.

Formada em Letras, mestre em Literatura Brasileira e doutora em Literatura Comparada, Conceição mescla a denúncia social ao lirismo trágico que constitui a existência de grande parte da população negra e periférica brasileira. Seja em contos, poemas ou romances, a narrativa de si desliza com elasticidade para a corporeidade de sujeitos que compartilham lutas e opressões em uma teia social complexa e marcada pelo racismo estrutural.

Tomo o conceito de racismo estrutural a partir de Silvio Almeida (2019), segundo o qual se trata de um processo histórico complexo e, portanto, não apenas derivado automaticamente de sistemas econômicos e políticos, em cujo processo de racialização são exercidas estruturas de poder e de reprodução cultural. Segundo o autor:

Em um mundo em que a raça define a vida e a morte, não a tomar como elemento de análise das grandes questões contemporâneas demonstra a falta de compromisso com a ciência e com a resolução das grandes mazelas do mundo. (ALMEIDA, 2019, p. 37)

Nesse contexto de um compromisso ético e estético com uma das grandes mazelas do mundo, o racismo, surge o termo “Escrevivência”, que traz como amálgama a escrita de si e dos “nós”, em tom biográfico e memorialístico, composto por fragmentos de um corpo tanto individual quanto coletivo, que diz respeito à escrita de um corpo negro, de uma condição e de uma experiência negra no Brasil. Luis Henrique Silva de Oliveira (2009) pensa a escrevivência como categoria de análise, segundo a qual é possível identificar três elementos formadores: o corpo, que diz respeito à dimensão subjetiva do existir negro, o que envolve não só a reprodução social de estereótipos e preconceitos, mas também a resistência e a contra-hegemonia constitutivos dessa corporeidade; a condição, que diz respeito ao compartilhamento de histórias em um processo enunciativo fraterno; e a experiência, que, como recurso estético traz repertórios culturais e cenas enunciativas do existir negro como forma de verossimilhança. Nesse sentido, o corpo-texto-sujeito se inscreve histórica e

culturalmente incorporando lutas e narrativas contra-hegemônicas de si e do corpo coletivo.

Memórias compartilhadas de tempos da escravidão que insistem em se perpetuar e reproduzir em estruturas sociais e econômicas, como nos apresenta Ponciá:

Depois de andar algumas horas, Ponciá Vicêncio teve a impressão de que havia ali um pulso de ferro a segurar o tempo. Uma soberana mão que eternizava uma condição antiga. Várias vezes seus olhos bisaram a imagem de uma mãe negra rodeada de filhos. De velhas e de velhos sentados no tempo passado e presente de um sofrimento antigo. Bisaram também a cena de pequenos, crianças que, com uma enxada na mão, ajudavam a lavrar a terra. (EVARISTO, 2018, p. 43)

Aqui, o corpo negro tem, além da corporeidade marcada pela memória ancestral representada pela figura da mãe preta, que gesta o termo *escrevivência* (EVARISTO, 2020), expressa a condição de reprodução da precariedade material da existência, onde, em comunidades rurais ou zonas urbanas periféricas, a exploração se perpetua. Aqui, denúncia e lirismo caminham juntos na experiência da narrativa de si e da coletividade a partir de vocábulos como “seus olhos bisaram”, em um neologismo que remete à herança, à identidade e à pertença.

Conceição Evaristo (2020), no livro *Escrevivência: a escrita de nós – Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*, traz ponderações a respeito dos subtextos adormecidos e latentes em sua escrita. A autora chama a atenção para o fato de que, na literatura canônica, as culturas africanas e afro-brasileiras são exotizadas e folclorizadas, conduzindo à reprodução de narrativas marcadas por processos de opressão e por estereótipos.

A *escrevivência* surge, assim, como fenômeno diaspórico e universal, no sentido de uma humanização que faça frente a narrativas de poder hegemônicas e racistas. Esse processo se dá pela abordagem autorreflexiva e por questionamentos como os apresentados pela protagonista do romance:

Ponciá Vicêncio deitou na cama imunda ao lado do homem e de barriga pra cima ficou com o olhar encontrando o nada. Veio-lhe a imagem de porcos no chiqueiro que comem e dormem para serem sacrificados um dia. Seria isto a vida, meu Deus? Os dias passavam, estava cansada, fraca para viver, mas coragem para morrer também não tinha ainda. (EVARISTO, 2018, pp.29-30)

Segundo a autora, o ato de escrita das mulheres negras, o corpo-voz dessas mulheres, atua no enfrentamento a processos históricos de silenciamento e opressões escravocratas. Aqui, voz-letra-escrita apresentam-se juntas apropriando-se de signos gráficos na transmissão da ancestralidade corporificada na palavra.

Assim, como exercício de decolonialidade, afirma Conceição (2020, p.11): “A nossa escrevivência não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos.” O termo escrevivência funde os vocábulos experiência e vivência, em um processo de escrita transnacional e tradutório, que problematiza a condição brasileira de origem africana. Nesse trânsito, a narrativa se corporifica como performática, pela subjetividade, pelo enfrentamento e pelos fluxos culturais e espaço-temporais que nela se enunciam.

Em uma experiência de nacionalidade diferenciada, hifenizada, afro-brasileira, porque em diáspora, a escrevivência afirma a origem dos povos africanos, celebra a ancestralidade e nos conecta com povos africanos e da diáspora africana. A humanidade universalizante atua não no sentido de obliterar identidades e relações de poder, pelo contrário. A escrevivência, a escrita de si e de todos, todas e todes em soma, traz personagens humanizadas, com sentimentos, anseios, traumas e contradições. Personagens que historicamente foram silenciadas, negadas e julgadas. Nas palavras da autora:

São personagens ficcionalizadas que se confundem com a vida, essa vida que eu experimento, que nós experimentamos em nosso lugar ou vivendo con(fundido) com outra pessoa ou coletivo, originalmente da nossa pertença. (EVARISTO, 2020, p. 31)

Nesse processo, somam-se vida e arte à escrita de si e do outro, que compartilham histórias e a condição específica da vivência de mulheres negras, moradoras da favela. Mesclam-se, elaboram-se, fabulam-se a experiência pessoal e a investigação do entorno e das vidas próximas às dela. Assim, Conceição (2020) aponta o exercício da escrita como prática de autorreflexão, um lugar subjetivo de inscrição em que a linguagem possibilita caminhos para o entendimento da vida e a luta por justiça social, manifestando o profundo incômodo com o estado das coisas.

Ao aproximar a escrevivência de Conceição Evaristo à narrativa performática conceituada por Graciela Ravetti, o exercício da experiência decolonial se articula. Nessa práxis composta por arte-ação-vida, histórias e vidas historicamente negadas pela sociedade racista e patriarcal são inseridas por meio de contos, romances e poesia. Trata-se de um exercício de apreender o mundo em sua complexidade para, por meio da escrita, se autoinscrever, com consciência de que a narrativa de si é a narrativa de muitos, uma vez que “ao escrever a si próprio, seu gesto se amplia e, sem sair de si, colhe vida, histórias do entorno.” (EVARISTO, 2020, p. 35).

Mais uma vez, o movimento performático se enuncia, seja pela negociação de sentidos com a audiência, seja pelos atravessamentos diaspóricos, rompendo com a passividade da leitura e buscando o movimento da escrita como autoinscrição no mundo. Assim, afirma a escritora: “Quero a dinâmica das palavras pronunciadas no cotidiano, as que movimentam a vida e não as que dormem no dicionário” (EVARISTO, 2020, p. 37).

Essa linguagem viva, em movimento, se relaciona à escrita de si, à autoficção e ao tom memorialístico, no entanto, extrapola o sujeito individualizado em uma prática literária de autoria negra, feminina e pobre, em que o sujeito da ação tem seu fazer atravessado pela coletividade. Nesse sentido, por acolher outros tantos corpos, a escrevivência evidencia que a escrita política não se separa da escrita cidadã. A partir desse ponto, seja pela corporeidade, seja pelos enfrentamentos e tensões que se articulam na escrita vivida de Conceição Evaristo, chamo ao diálogo a contribuição teórica dos estudos de performance, em especial o conceito de narrativa performática.

### **Travessias performáticas**

A autora Graciela Ravetti (2002) emprega a expressão “narrativa performática” para referenciar textos escritos que compartilham traços com a natureza da performance, tanto no que se refere ao âmbito cênico quanto ao político-social. Nesse sentido, cabe recorrer aos estudos de performance para entender a que características, enquanto campo teórico, a autora se refere.

Há quatro elementos fundantes que sempre se articulam no que se refere aos estudos de performance, são eles: a corporeidade, a audiência, o caráter reiterado e a



irrepetibilidade. Para compreender cada um deles, vale recorrer brevemente aos estudos de Paul Zumthor, Richard Schechner e Diana Taylor.

Para os estudos de performance, a corporeidade é fundamental, sendo ele entendido do ponto de vista do repertório, como em Taylor; da teatralização e do corpo em ação, como em Schechner; ou da subjetividade em termos de enunciação e recepção, como em Zumthor. Segundo Paul Zumthor (2018), a corporeidade e a enunciação oral são conjugadas na performance entendida como prática de leitura literária. Em uma perspectiva enunciativa, como propõe Zumthor, a audiência é fundamental, na perspectiva da construção dos sentidos e da recepção da materialidade estética e simbólica do texto literário.

A audiência é assinalada por Richard Schechner (2000) na perspectiva do público a que se destina a performance enquanto arte performativa. No entanto, o autor assinala que algo é performance ou se pode estudar **como** performance, como também assevera Diana Taylor. A partir desse pressuposto, pode-se afirmar que a performance transita constantemente entre arte e vida, fluindo entre o ritual e o teatro, sendo a audiência simultaneamente atravessada e promotora de reflexividade e narratividade.

Nesses entrecruzamentos únicos e irrepetíveis que a enunciação do ato performático promove, muitos são os trânsitos e as negociações de sentido que se produzem. Daí a afirmação de Schechner, ao pontuar que os estudos de performance são do campo do “inter”, ou seja, intergenéricos, interdisciplinares e interculturais. O que nos conduz a um terreno instável, porque em constante construção e atualização. Aqui, o hibridismo pontuado por Ravetti (2002) fica evidente.

No entanto, não apenas o caráter do improvisado e da irrepetibilidade conformam os estudos de performance. A prática enunciativa da performance guarda em si um importante elemento, que diz respeito a seu caráter reiterado. Diana Taylor (2012) assinala que o caráter reiterado traz não apenas a prática de repetição mimética, mas a possibilidade de, a partir dela, transmitir memória, saberes sociais e sentido de identidade.

Em um diálogo com a obra literária sobre a qual se debruça este estudo, observa-se que o caráter reiterado manifesto pela condição de mulher negra e periférica denuncia a reprodução de violências e desigualdades, conforme enunciado por Ponciá:



Quando os filhos de Ponciá Vicêncio, sete, nasceram e morreram, nas primeiras perdas ela sofreu muito. Depois, com o correr do tempo, a cada parto, ela chegava mesmo a desejar que a criança não sobrevivesse. Valeria a pena pôr um filho no mundo? Lembrava de sua infância pobre, muito pobre na roça e temia a repetição de uma mesma vida para os seus filhos. (...) Bom mesmo que os filhos tivessem nascidos mortos, pois, assim, se livraram de viver uma mesma vida. De que valeram os padecimentos de todos aqueles que ficaram para trás? (...) A vida escrava continua até os dias de hoje. Sim, ela era escrava também. Escrava de uma condição de vida que se repetia. Escrava do desespero, da falta de esperança, da impossibilidade de travar novas batalhas, de organizar novos quilombos, de inventar outra e nova vida. (EVARISTO, 2018, pp. 70-72)

A experiência estética da dor e da verossimilhança mescla-se à memória individual e coletiva, e ressoa em polifonia nas vozes de Conceição, Ponciá e tantas outras mulheres afro-brasileiras. Nesse e em tantos outros fragmentos, o engasgo é nosso. Em uma denúncia da reiteração da miséria, da exclusão, do sofrimento que assolam comunidades marcadas pelo processo de racialização de estruturas de poder e diferença.

Ainda no que se refere ao caráter reiterado, a ancestralidade e a tradição são acionados e atualizados no ato performático, sempre em negociação com a audiência. Na obra, o corpo-barro de Vô Vicêncio inscreve-se na corporeidade da neta. Física e historicamente. No entanto, tratar do aspecto reiterado da narrativa performática envolve outro elemento, que é a sua atualização por intermédio da enunciação em tempo presente.

É nesse momento que surge a possibilidade concreta de criatividade, pelo imprevisto, e de crítica, uma vez que, segundo Diana Taylor (2012), o termo performance é uma palavra política, que envolve sempre o ativismo e o enfrentamento, seja do Estado, da igreja ou de grandes empresas. A escrita de si em Conceição Evaristo, nesse sentido, é também política, ao denunciar mecanismos perversos de manutenção do racismo na sociedade brasileira. Não apenas se trata de denunciar, mas também de atuar em perspectiva antirracista.

Essa dimensão estética e política também é assinalada pelos estudos de performance e destacada por Graciela Ravetti, com enfoque em uma dimensão não apenas coletiva, mas fundamentalmente subjetiva. Segundo a autora:

Os aspectos que ambas as noções compartilham, tanto no que se refere à teatralização (de qualquer signo) quanto à agitação política, implicam: *a exposição radical do si-mesmo* do sujeito enunciador, assim como do *local da enunciação*, a recuperação de comportamentos renunciados ou recalcados; a *exibição de rituais íntimos*; a encenação de situações da *autobiografia*; a representação das identidades como um trabalho de constante restauração, sempre inacabado; entre outros. (RAVETTI, 2002, p. 47. Grifos meus)

A autora aponta elementos da escrita de si que inscrevem a corporeidade, algo que também pode ser pontuado na escrita de Conceição Evaristo, em diálogo com o conceito de escrevivência. Além da subjetividade inscrita dos corpos negros performados nas páginas de Ponciá, chama-nos a atenção as condições de produção (im)postos sobre esses corpos. O que conduz não só a um caráter reiterado de reprodução de estereótipos e violências, mas também à potência para transgressão de imaginários racistas e hegemônicos, diante da possibilidade de construção de outras narrativas, sempre atualizadas e em estado de (re)construção e atualização.

Nesse sentido, o conceito de narrativa performática dialoga em grande medida não apenas com o campo teórico-metodológico da performance, mas com a escrevivência de narrativas individuais, ancestrais e, por isso, coletivas, que conduzem ao tensionamento político da escrita de novas cartografias literárias, conforme terminologia empregada por Walter Mignolo (2003). Isso porque, ao levar os fatos e os contextos individuais do âmbito privado ao público, assumem novos significados político-culturais, ao serem compartilhados e construídos com a audiência, no caso, os leitores da obra literária, em um processo ativo e responsivo, ético e estético, conforme discute Mikhail Bakhtin (2006) em seus estudos acerca da filosofia da linguagem.

Nesse trânsito, a experiência passa a ocupar um lugar na ficção, dando origem ao termo “narrativa performática”. Segundo Graciela Ravetti, são essas marcas da escrita de si que possibilitam a ruptura de “mandatos identitários oficiais” (RAVETTI, 2002, p. 48), tensionando estética e politicamente narrativas hegemônicas.

No caso em questão, a literatura de mulheres negras, como a de Conceição Evaristo, constitui-se como narrativa de si e de muitas vozes, presentes e ancestrais, carregadas pela memória e cantadas na palavra, oral ou escrita. Trata-se, sobretudo, de

um exercício de resistência à colonialidade e ao patriarcado impostos, sobremaneira, aos corpos de mulheres negras.

Diana Taylor (2012) assinala como característica fundamental da performance, a ação, o que, no sentido destacado por Ravetti, se articula plenamente na narrativa de Evaristo. Ou seja, a narrativa de si, bem como as condições sócio-históricas inerentes à construção discursiva desse sujeito, como performance, se realiza em sua audiência. Transforma-se em potência, em luta.

Conforme define Ravetti (2002, p. 49):

Considero performativa a narrativa que apresenta um cenário no qual um (ou mais) sujeito(s) aparece(m) em processos de atribuição, com referentes explícitos à realidade material, sendo, por isso, identificáveis, mas nas quais os comportamentos narrados (afinal trata-se de comportamentos sociais) são, no mínimo, transgressores quanto à norma social vigente.

Assim, para além das condições de produção e da corporeidade/subjetividade, fazem parte das narrativas seu caráter transgressor, seja em perspectiva estética, seja em termos de contra-hegemonia. De maneira similar, as narrativas dos discursos oficiais também assumem caráter performativo ao narrar sujeitos não-hegemônicos e reproduzir estereótipos, “definindo a condição de existência de uma sociedade dada” (RAVETTI, 2002, p. 49). As narrativas de si, a partir da corporeidade de sujeitos narradores, permitem assumir estratégias de ruptura com estruturas reproduzidas por discursos de poder hegemônicos que condicionam e limitam identidades.

Nesse sentido, entende-se o discurso literário como vinculado ao discurso social, tendo a corporeidade inscrita na subjetividade da narrativa de si, em que se observa a possibilidade da construção de novos paradigmas, marcados por processos de hibridação transnacionais e tradutórios. Tal hibridismo, no âmbito da performance enquanto episteme, produz-se não só pelo mosaico de culturas e narrativas em que se dá esse processo de interculturalidade, mas também pela fluidez da temporalidade compartilhada em narrativas performáticas, onde o passado, marcado pela ancestralidade e pela memória, se atualiza no presente e aspira à transformação e à justiça social em tempos futuros.

A reflexão sobre o tempo é incorporada de maneira extremamente lírica a partir da sabedoria ancestral corporificada na sábia Nêngua Kainda, em palavras que vivificam a dimensão espiralar do tempo em sua performance narrativa:

Maria Vicêncio ouviu as palavras de Nêngua Kainda e concordou. Para que desafiar o tempo, aconselhou a Velha, com a sua voz sussurro, feita mais de silêncios falantes do que de sons. O humano não tem força para abreviar nada e quando insiste, colhe o fruto verde, antes de amadurar. Tudo tem o seu tempo certo. Não vê a semente? A gente semeia e é preciso esquecer a vida guardada de debaixo da terra, até que um dia, no momento exato, independente do querer de quem espalhou a semente, ela arrebatava a terra desabrochando o viver, Nada melhor que o fruto maduro, colhido e comido no tempo exato, certo. (EVARISTO, 2018, p. 91.)

O fruto maduro, o tempo maduro, metáfora para o tempo espiralar da performance, em que a ancestralidade enuncia ao presente a possibilidade de um futuro justo. O porvir é indissociável nessa perspectiva, pois, ao tratarmos de narrativas performáticas (em que corporeidade e condições sócio-históricas se entrelaçam), produzidas por mulheres negras (tendo a interseccionalidade e a ancestralidade como eixos de análise e crítica), a luta antirracista, o tensionamento político e o confronto de narrativas são elementos constitutivos.

A partir do entrelaçar e da atualização de narrativas, em fluxo nas espirais do tempo e da enunciação, pode-se afirmar que a prática literária afro-brasileira é, em sua gênese, da ordem do performático, uma vez que:

O começo, então, do que convimos chamar de literatura latino-americana seria da ordem da escrita performática. Entrariam nessa nova acomodação da literatura os livros narrados em primeira pessoa e compostos desde uma perspectiva subjetiva posta em circulação de forma explícita e tomando outros perfis narrativos, seja como relatos de experiências pessoais (autobiografia), como pessoais unidas a experiências coletivas (testemunhos), como correspondência pessoal ou pública, como crônicas de viagens. (RAVETTI, 2002, p. 54)

Sob essa perspectiva, aproximo o conceito de narrativas performáticas ao de escrevivência, na leitura de Conceição Evaristo, mais especificamente, em *Ponciá Vicêncio*. Tal aproximação deveu-se à subjetividade mergulhada em experiências e memórias coletivas, que se traduzem como performáticas ao se inscreverem

historicamente e incorporarem lutas políticas, promovendo tensionamentos de ordem política e enfrentamento de narrativas hegemônicas. A tomada de “outros perfis narrativos” permite olhares outros sobre comunidades afrodiaspóricas, outra abrangência social negra, carregada de humanidade e profundidade, contestando estereótipos reproduzidos historicamente por discursos hegemônicos marcados pelo racismo estrutural da sociedade brasileira.

### **Conclusões espiralares**

O presente trabalho e as reflexões propostas não se esgotam de maneira estanque, tampouco se fecham em um ciclo. Como performance do tempo e das idéias, seguem fluxos e atualizações nas espirais enunciativas. Chama ao compartilhar de memórias individuais e coletivas da escrita de si e de nós.

A narrativa *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo, é entendida como performática tendo em vista que se constitui como resposta aos mandatos identitários oficiais, convidando o leitor a realizar suas próprias performances de modo a questionar o poder performativo de discursos oficiais em uma sociedade em que o racismo estrutural define quem vive e quem morre. Trata-se, como afirma Ravetti (2002), de instaurar narrativas outras, que outorguem sentidos ao presente.

Assim, a partir de uma abordagem desde o campo teórico dos estudos de performance e pensando a escrevivência como categoria de análise literária, afirma-se o potencial artístico e político da literatura afro-brasileira. Ética e estética são indissociáveis na performance literária de mulheres negras. Aqui, a partir das páginas de *Ponciá Vicêncio*, a corporeidade subjetiva traduz-se em diversidade de experiências em uma condição compartilhada. Enunciada, expõe fissuras sociais e desnuda o racismo estrutural da sociedade brasileira. Inscreve, pois, em nosso repertório cultural, narrativas de corpos historicamente silenciados. Enuncia não só o engasgo, mas, sobretudo, o grito de lutas ancestrais em uma escrita que, por ser da ordem do performático, é também, e sobretudo, política.

### **Referências**

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 12. ed. São Paulo: HUCITEC, 2006.

EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2018.

EVARISTO, Conceição. A Escrivência e seus Subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES Isabella Rosado (Orgs.). *Escrivência: a escrita de nós – reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. pp. 26-47.

IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Org.) *Atlas da violência 2019*. Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2021.

MIGNOLO, Walter. *Histórias locais, projetos globais*. Colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Belo Horizonte: Humanitas, 2003.

OLIVEIRA, Luis Henrique Silva de. “Escrivência” em *Becos da memória*, de Conceição Evaristo. *Estudos Feministas*, Florianópolis, p. 621-623, mai.-ago. 2009.

RAVETTI, Graciela. Narrativas Performáticas. In: RAVETTI, Graciela; ARBEX, Marcia (Orgs.) *Performance, exílio, fronteiras: errâncias territoriais e textuais*. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

SCHECHNER, Richard. *Performance: teoría y prácticas interculturales*. 1. ed. Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires, 2000.

TAYLOR, Diana. *Performance*. 1. ed. Buenos Aires: Asunto Impreso, 2012.

ZUMTHOR, Paul. *Performance, recepção, leitura*. São Paulo: Ubu, 2018.

Recebido em 18/05/2023

Aceito em 10/07/2023